

CAPÍTULO 8 - *BLUESMAN*: RAP, PALAVRA E EXISTÊNCIA PRETA EM BACO EXU DO BLUES

Hélio Márcio Nunes Lacerda

Instituto Federal do Tocantins (IFTO)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5262380256848582>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0363-985X>

E-mail: helio.lacerda@ifto.edu.br

Hermana Cecília Oliveira Ferreira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8844267268759954>

OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-6533-3071>

E-mail: hermanacof@gmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa um poema do rapper baiano Baco Exu do Blues (2018), presente na música **BB King**, do disco *Bluesman*, a partir do que Gilroy (2001) chamou de as joias trazidas da servidão. Diante desse instrumento heurístico, investigo os elementos estéticos constitutivos de uma narrativa afrocentrada que constrói outro lugar para a masculinidade negra. Trata-se de um trabalho bibliográfico que tem como objetivo de problematizar o modo como novas vozes se enunciam a partir do Sul-global, articulando a condição de dupla consciência (Gilroy, 2001) e lugar de fala (Ribeiro, 2017) para escapar das máscaras brancas (Fanon, 2008) de um sujeito específico: o homem negro. Moderno e contemporâneo, esse objeto nos provoca a refletir acerca dos modos de tornar-se sujeito (Mbembe, 2019), por meio da articulação in-submissa de narrativas intersubjetivas que se constituem a partir de fluxos discursivos transatlânticos (Fanon, 2008; Gilroy, 2001; Mbembe, 2019), emitidos pelos atores da diáspora africana.

Palavras-chave: Masculinidades negras; Atlântico negro; Estética afrodiáspórica.

*BLUESMAN: RAP, WORD AND BLACK EXISTENCE IN BACO EXU DO
BLUES*

ABSTRACT: This work analyzes a poem by Baco Exu do Blues (2018), a rapper from Bahia, in the song **BB King**, based on what Gilroy (2001) called the jewels brought from servitude. We investigate the constitutive aesthetic elements of an Afro-centered narrative that produces another place for black masculinity. This is a bibliographical work that aims to problematize the way which new voices are enunciated from the Global South, articulating the condition of double consciousness (Gilroy, 2001) and place of speech (Ribeiro, 2017) to escape from the white masks (Fanon, 2008) of a specific subject: the black man. Modern and contemporary, this object provokes new ways of becoming a subject (Mbembe, 2019) through the unsubmissive articulation of intersubjective narratives, constituted from transatlantic discursive flows (Fanon, 2008; Gilroy, 2001; Mbembe, 2019), issued by actors from the African diaspora.

Keywords: black masculinities; black Atlantic; Afro-diasporic aesthetics.

INTRODUÇÃO

Os elementos estéticos presentes em *BB King* (Baco..., 2018), música do premiado rapper baiano Baco Exu do Blues, convergem com novas vozes afrocentradas que se insurgem a partir do Sul-global como produto resultante da condição de dupla consciência (Gilroy, 2001) e do lugar de fala (Ribeiro, 2017) de um sujeito específico: o homem negro.

Moderno e contemporâneo, esse objeto de análise nos provoca acerca dos *modos de tornar-se sujeito*, a partir da articulação insubmissa de narrativas poéticas intersubjetivas e de discursos transatlânticos (Mbembe, 2019), enunciados pelos atores da diáspora africana. Dito de outro modo, argumento que o poema quer-se um gesto de ação e de autonomia, ao articular voz e agência de sujeitos historicamente silenciados pelos processos de apagamento e de dominação colonial.

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresento uma breve discussão dos estudos sobre masculinidades, para discutir os processos de constituição do elemento masculino em sociedades afetadas pela colonização e atravessadas pelo racismo. Em seguida, faço a apresentação e a análise do poema à luz de leituras afrocentradas, fazendo vingar as vidas matáveis, tornando-as amáveis, frutíferas e dignas de serem vividas em sua plenitude (Magalhães, 2021).

Para esse último fim, uso contribuições dos teóricos do Atlântico Negro³, que enunciam a sua ruptura com a alienação colonial (Fanon, 2008) e se orientam pelo gesto, pela palavra e pela ação, a fim se constituírem sujeitos de si e para si, que chamo, aqui, de gesto de emancipação do sujeito negro.

OUTRAS MASCULINIDADES: HOMENS NEGROS SOBRE SI E PARA SI

Uma série de pesquisas sobre os modos de socializa-

3 Fanon (2008, 2022), Mbembe (2018; 2019), Quijano (2009) e Ribeiro (2017), dentre outros, que problematizam a colonialidade do poder enquanto fundamentos da dominação colonial moderna.

ção masculina no Ocidente aponta para a existência de um modelo para se tornar homem que se quer universal, que contém em si um processo de endurecimento de sua personalidade, a necessidade de controle constante das emoções e a produção de muros e barreiras que o defendam de possíveis derramamentos de seus sentimentos (Vigoya, 2018; Welzer-Lang, 2001; Connell; Messerschmidt, 2013; Albuquerque Júnior, 2014).

Para Vigoya (2018), as contribuições teóricas do feminismo negro são fundamentais para estabelecer interlocuções duradouras com os homens de seus grupos sociais, de modo a vê-los como companheiros em potencial nas lutas antissexistas e antirracistas. Assim, os estudos de gênero devem ser considerados em sua dimensão interseccional, considerando as interferências de raça e de classe nas dinâmicas de poder entre diferentes sujeitos sociais.

Isso significa que, em sua dimensão relacional, a experiência deles deve ser tomada enquanto um evento histórico e discursivo, ao mesmo tempo em que é, também, coletivo e individual. Desse modo, para ampliar as análises, há que incorporar a agenda política, teórica e ética do feminismo contemporâneo, incluindo performances masculinas e femininas em suas dinâmicas de poder, entendendo que o racismo é um fator central dentro dessa equação.

Os estudos sobre masculinidades demonstram que o processo de se tornar homem exige um duplo fechamento de si: físico e emocional. Esse movimento de dupla clausura, não raro, gera custos altíssimos para os homens, o que, na prática, significa uma constante mutilação de si mesmo para atender as expectativas do *vir a ser homem*. Albuquerque Júnior (2014, p. 109-110) entende que, mesmo que possa vir a ser um mundo “cheio de aventuras, desafios, competições,

prêmios e reconhecimento”, é “um mundo cruel e inóspito emocionalmente”, pois os homens, por uma série de interdições, são impedidos de vivenciar plenamente seu mundo interior emocional.

Nessa direção, Connell e Messerschmidt (2013) entendem que masculinidades são processos de configurações de prática que não devem ser vistas como equivalentes de homem, pois masculinidades são processos, e não grupos de pessoas. Masculinidades são, também, lugares e espaços de privilégio, simbólico e material, que fazem com que a maioria dos homens receba dividendos patriarcais, baseados na dominação geral das mulheres. De acordo com Connell (1997; 2000 *apud* Connell; Messerschmidt, 2013), existem masculinidades hegemônicas – ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis –, que estão sobrepostas a masculinidades marginalizadas ou subordinadas: aquelas masculinidades identificáveis entre negros, gays, pobres, não brancos, transgêneros. Em síntese, “masculinidades não são identidades fixas, mas constructos políticos de gênero” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 81).

Nesse sentido, a experiência masculina é atravessada pela dupla clausura e pelos constructos políticos de gênero, exigência fundamental para atender as expectativas sobre o ser homem. Sua complexidade aumenta quando adicionamos o racismo nessa equação, uma vez que homens negros são, historicamente, percebidos como sexualmente agressivos e perigosos, conforme pesquisa Deivison Faustino Nkosi (2014).

Assim, diante da existência atravessada pelo racismo, Baco Exu do Blues escreveu o seguinte poema:

1903

A primeira vez que um homem branco observou um homem negro

Não como um animal agressivo ou força bruta desprovida de inteligência

Desta vez, percebe-se o talento, a criatividade, a música

O mundo branco nunca havia sentido algo como o blues

Um negro, um violão e um canivete

Nasce na luta pela vida, nasce forte, nasce pungente

Pela real necessidade de existir

O que é ser Bluesman?

É ser o inverso do que os outros pensam

É ser contracorrente

Ser a própria força, a sua própria raiz

É saber que nunca fomos uma reprodução automática

Da imagem submissa que foi criada [por eles]

Foda-se a imagem que vocês criaram

Não sou legível, não sou entendível

Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta

Me olhe como uma tela preta, de um único pintor

Só eu posso fazer minha arte

Só eu posso me descrever

Vocês não têm esse direito

Não sou obrigado a ser o que vocês esperam

Somos muito mais

Se você não se enquadra ao que esperam

Você é um Bluesman

(Baco..., 2018, vídeo).

O rap, conforme argumenta Paul Gilroy (2001), é umas das *joias trazida da servidão*, manifestação cultural e política, que, ao mesmo tempo em que dialoga com anseios e com dilemas da periferia, engaja-se em processos de luta por direitos e políticas públicas para esses sujeitos, alvos privilegiados de uma necropolítica⁴. Nessa esteira de engajamento, a produção musical do rapper Baco Exu do Blues privilegia a experiência da favela, traz à tona o dia a dia com seus problemas e seus momentos de beleza, fazendo daquele cotidiano a matéria-prima de suas criações poéticas e políticas.

Aqui, a poesia trabalha para conferir um conjunto de significações, de modo que, simbolizando o não sentido, o sujeito consiga se encontrar em suas próprias experiências. Dialogando com o filósofo camaronês Achille Mbembe (2019), entendemos o poema como um *devoir negro*, conectado com um sujeito-consciência que detém a capacidade de produzir ferramentas e meios para abolir a cisão entre o corpo, o *self* e sua subjetividade.

No referido poema, a palavra desempenha algumas funções, quais sejam: teatralizar a dor (de quem, historicamente, ocupou o lugar do não-ser); conferir sentido ao trauma racial; reorganizar o caos mental e criar balizas para ancorar o *self* do sujeito colonizado. Assim, o eu-lírico empreende um esforço para desarticular os estigmas que a sociedade colonial produziu como seu lugar de destino.

E, de variados modos, o poema surge como possibilidade de gestar outro lugar social, que suaviza a experiência

4 Conjunto de ações que o Estado promove para pavimentar a morte prematura desses sujeitos (Mbembe, 2019).

masculina. Permite-se que se dê vazão ao sensível, ao belo, ao suave: um contraponto ao conjunto de discursos que o fixam no corpo, na força bruta, na firmeza, na macheza. Reivindicando seus atributos do ser, ele também reivindica o direito à sensibilidade criativa do belo, que se apresenta enquanto espaço sagrado que o habita.

O poema de Baco Exu do Blues se contrapõe a racia-
lização do homem negro como “um animal agressivo”, “força
braçal desprovida de inteligência”. O eu-lírico refuta os es-
tereótipos essencialistas, gestados para legitimar a es-
cravidão de pessoas pretas no mundo colonial moderno. Em
um gesto de tomar a palavra, utiliza-se da arte como instru-
mento de subversão da ordem colonial para fazer do corpo
preto um espaço de fertilidade poética, vingando, dando fru-
tos onde os brancos racistas querem, de forma conveniente,
enxergar tão somente massa bruta desprovida de intelecto.

De passagem, vale apontar que o álbum *Bluesman*
menciona signos da cultura negra estadunidense, em mo-
mentos-chave, a começar pelo título da música, *BB King*, um
cantor negro que se tornou um símbolo do blues nos Estados
Unidos. De origem pobre, nascido no Mississippi, alcançou no-
toriedade por seus solos de guitarra: um de seus solos faz a
abertura da música que leva seu nome.

Assim, inspirado em sons que vão desde o Candom-
blé, da Umbanda até o jazz e o blues, o poema de Baco Exu
do Blues, ao trabalhar sobre e com o corpo negro, faz vingar
outros lugares possíveis de beleza, de tranquilidade, de ter-
nura, lugares de arte que, historicamente, foram e ainda são
negados ao sujeito negro. Nesse sentido, o eu-lírico reivin-
dica esses espaços, reclama seu direito de se expressar, de
colocar na mesa sua revolta em relação à privação histórica,
cultural e social.

O eu-lírico opera uma sistemática contraposição às investidas de negação de sua existência. Diante da negação existencial do sujeito negro, temos um grito de revolta, de raiva, de ódio; não de forma reativa, mas elaborado, expresso em signos que conferem sentido à luta negra, que, historicamente, marcada pela subalternidade, expressa-se aqui com a delicadeza e brilho de uma *joia trazida da servidão*, para usar o termo de Paul Gilroy (2001).

As imagens que, em geral, estereotipadas, trabalham para manter certo imaginário intacto e, também, garantir sua reprodução são, no poema, refutadas: “Foda-se a imagem que vocês criaram”. Confrontando tais imagens, o poema gesta um cenário distinto dos espaços que a modernidade/colonialidade (Quijano, 2009) criou para homens negros. Assim, a voz de um sujeito lírico, reivindicando para si as habilidades de criação artística, reivindica, também, a autonomia de sua própria subjetividade: “Só eu posso fazer minha arte / Só eu posso me descrever”.

Sublinhamos que o texto poético traz uma negação fundamental, a saber: aquela em que o agenciamento do homem negro se daria única e exclusivamente pela via da violência: “A primeira vez que um homem branco observou um homem negro / [...] Desta vez, percebe-se o talento, a criatividade, a música”. Em confronto aberto com esse lugar que o racismo criou, temos uma voz que abre outros caminhos para a manifestação da subjetividade do homem negro, que enfrenta as opressões da sociedade que trabalha para mutilar sua humanidade sem ceder aos apelos de uma masculinidade viril que, não raro, se expressa pela linguagem da violência.

Ao contrário disso, temos “o talento, a criatividade, a música”, signos que realçam a originalidade das *joias trazi-*

das da servidão (Gilroy, 2001). Assim, o eu-lírico lança mão dos instrumentos da linguagem poética para se expressar, para elaborar suas inseguranças, seus medos, suas qualidades e seus defeitos, percebendo-se enquanto humano; potente criador de arte, agente de sua própria história, capaz, ele mesmo, de gestar espaços de beleza e de fruição.

CONCLUSÕES

Para concluir, entendemos que, em seu novo tempo histórico, gestado dentro do texto, o homem negro se abre como um lugar de invenção, de experimentação e de criação, em que o eu-lírico preto gesta sobre si mesmo a sua própria história, a partir de si mesmo, atravessando a longa passagem de estado de coisa para estado de sujeito emancipado. Desse modo, não se trata mais de um ponto de vista exterior, imaginado por outrem, mas um sujeito que trabalha “para a reconquista da superfície, dos horizontes, das profundezas e das alturas de sua própria vida” (Mbembe, 2019, p. 58).

Portanto, tomar a palavra e se colocar na linguagem, dizendo de sua existência no mundo, talvez, crie caminhos para *sair da grande noite*⁵. Assim, o texto poético evidencia o modo como esse homem negro se apresenta enquanto espaço criativo e livre, explorando a compreensão que faz acerca de seu próprio corpo e de sua subjetividade.

Por fim, parece haver indícios de que o eu-lírico deseja: 1) caminhar em direção à liberdade; 2) abolir a cisão entre corpo e mente, 3) conferir conteúdo ao postulado de

⁵ *Sair da grande noite* significa um gesto de insubmissão do colonizado, na busca por construir sua liberdade, produzir sua própria autonomia e inventar sentidos para além e aquém daqueles perpetrados pelas narrativas eurocentradas (Fanon, 2022).

igualdade universal, ampliando-a; e 4) criar lugares que ainda não existem, lugares de florescimento onde vidas negras matáveis, saindo desse estado de objeto, tornam-se amáveis, vidas que vingam, agentes, ativas e sujeitos de si mesmo, emancipadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Nostalgia da infância, saudades do feminino: em que momentos da vida de um homem o feminismo pode atuar para a construção de outras masculinidades possíveis. *In*: BLAY, E. A. (org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 105-116.

BACO Exu do Blues - BB King. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal BACO EXU DO BLUES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qYPZYyPYDeA>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. [Trad. F. B. M. Fernandes]. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 424, p. 241-282, jan./abr. 2013.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. R. Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GILROY, P. “Joias trazidas da servidão”: música negra e a po-